2ª SEMANA DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE DA FAED/ UFMS: INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Local: AGEAD - UFMS
De 21 a 25 de Novembro de 2022

Anais Semana de Educação e Formação Docente da Faed

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA ANÁLISE DOS CADERNOS DE ATIVIDADES DOMICILIARES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPO GRANDE/MS

Thalita de Oliveira Rodrigues[1]
Sandra Novais Sousa[2]

Eixo 4 – Práticas educativas, inclusão e formação de professores

Resumo: O artigo discute sobre como as questões de gênero são abordadas na educação básica e pública. Para isso, o objetivo consistiu em compreender como as questões de gênero foram tratadas nos cadernos de atividades domiciliares da rede municipal de ensino de Campo Grande, MS. Como procedimentos metodológicos, utilizou-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. Para ampliar a base teórica sobre o tema, foram consultados livros, artigos e pesquisas acadêmicas que abordam questões de gênero e, em relação à pesquisa documental, foram utilizados como fontes 25 cadernos base de atividades domiciliares, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, sendo, em média, cinco cadernos para cada ano. Os resultados apontaram que as imagens apresentam estereótipos sobre a figura feminina, retratada como uma figura dócil, com roupas que controlam seus corpos, preocupada com a aparência e em profissões subalternas, relacionadas aos cuidados domésticos. Conclui-se que a escola tem um papel fundamental nesta discussão, e por isso se faz necessário repensar estas questões, uma vez que, mesmo indiretamente, o material didático utilizado contribui para a formação de opiniões e valores de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Gênero; Ensino Fundamental; Pandemia; Cadernos de Atividades Domiciliares.

Introdução

O artigo refere-se a uma pesquisa de conclusão de curso em Pedagogia e discute sobre as questões de gênero, tendo como objeto de estudo os cadernos de atividades domiciliares utilizados durante os anos de 2020 e 2021 pela Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, MS, em decorrência do fechamento das escolas provocado pela pandemia de Covid-19. O objetivo consiste em compreender como as questões de gênero são tratadas nos referidos cadernos.

A escola é o primeiro ambiente social que temos contato, depois da família, é onde aprendemos a nos relacionar com as diferenças e construímos nossa identidade. Assim, a Lei nº 9.394/1996, denominada Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), propõe em seu artigo 26 que:

> § 9º Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança, o adolescente e a mulher serão incluídos, como temas transversais, nos currículos de que trata o caput deste artigo, observadas as diretrizes da legislação correspondente e a produção e distribuição de material didático adequado a cada nível de ensino. (BRASIL, 1996, não paginado).

[1] Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), participante do Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf).
[2] Doutora em Educação, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do curso de Pedagogia/Faed. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por sua vez, aponta que "a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na **prática coercitiva** de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades" (BRASIL, 2018, p. 14, grifo nosso). Apesar de o texto da BNCC usar o termo que remete à coerção, o qual se refere a utilizar de meios que obriguem alguém a fazer algo que não era desejado por ele, a citação aborda a necessidade da escola ser um espaço democrático e inclusivo, em que as diferenças – incluindo as de gênero – devem ser respeitadas.

Na mesma perspectiva, o Referencial Curricular REME – Ciências Humanas aponta que a escola precisa incluir no currículo as discussões "[...] a respeito da mulher e seu papel na sociedade (direitos, dificuldades, preconceitos, conquistas), buscando, sempre, a transformação da escola em um lugar da liberdade, do respeito e da boa convivência." (CAMPO GRANDE, 2020a, p. 20).

Dessa forma, compreendendo que durante o ensino remoto o papel da família na mediação da aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental foi essencial, e que o principal canal de comunicação entre a escola e a família – no que se refere aos conteúdos, habilidades e atitudes a serem trabalhados – foram os cadernos de atividades domiciliares, surgiram os seguintes questionamentos: como as questões de gênero foram apresentadas para as turmas do ensino fundamental da rede pública municipal de ensino no período em que as escolas ficaram fechadas devido à pandemia? Os cadernos de atividades domiciliares da Reme, produzidos e/ou aprovados pela equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação (Semed), atenderam ao que prescreve a legislação educacional e o seu currículo oficial, no que tange ao combate ao preconceito e discriminação de gênero?

Para nos aproximarmos dessas questões, apresentamos, na primeira seção, uma discussão teórica e conceitual sobre as questões de gênero no campo educacional. Na segunda seção, analisamos as concepções de gênero apresentadas nos cadernos de atividades domiciliares do Ensino Fundamental I, sobretudo nas imagens e ilustrações.

Educação para equidade de gênero: contextualização e conceitos

Historicamente, na sociedade em que vivemos, espera-se que a menina torne-se uma mulher delicada e amorosa, que cuide dos afazeres domésticos (lavar, passar, cozinhar, manter a casa limpa e arrumada), ao mesmo tempo em que trabalha fora, sem distanciar-se do cuidado e da educação dos/as filhos/as.

Enquanto meninos são educados para serem homens fortes, protetores, másculos, não podendo demonstrar sentimentos ou qualquer vulnerabilidade, o que é possível observar em ditados como "homem não chora". Portanto, gênero não é algo biológico ou natural, ensinamos como cada criança deve se comportar de acordo com o que é esperado socialmente, assim, como afirma Silvana V. Goellner:

> O gênero, é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Quando dizemos a um menino que ele não deve chorar porque isso é coisa de mulher ou, ainda, quando ensinamos as meninas que elas não devem participar de brincadeiras que exijam força porque isso é para homens, estamos reforçando modos de ser masculino e feminino que são comumente aceitos como normais e desejáveis na nossa cultura (GOELLNER, 2012, p. 109).

Ou seja, as expectativas são relativas a ambos os gêneros e a sociedade sequer percebe seus efeitos, porque já naturalizou e considera como algo 'normal'. Por isso, a

escola, como *lócus* social em que nos relacionamos com as diferenças e constituímos a nossa identidade, precisa propiciar um espaço de diálogo sobre gênero e outros marcadores da diferença para que alunos/as desenvolvam a criticidade, de modo que as desigualdades sejam amenizadas.

Análise dos cadernos de atividades domiciliares da rede municipal de ensino de Campo Grande/MS

O Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, MS foi reelaborado durante o ano de 2020 e aborda que as escolas devem "promover o combate ao preconceito de gênero [...], ampliar os espaços de discussões sobre gênero e sexualidade [...]" e refletir sobre os papéis sociais, "questionando relações de poder que estimulam a violência e abuso de poder entre a mulher e o homem" (CAMPO GRANDE, 2020a, p. 20). Nesse sentido, analisamos vinte e cinco cadernos de atividades elaborados por técnicos/as e professores/as da Semed para identificarmos se estas orientações foram seguidas, considerando que foram os mesmos profissionais que escreveram o referencial curricular.

Na Tabela 1, apresentamos dados gerais sobre os cadernos analisados:

Tabela 1 – Quantitativo de imagens em cada ano

	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	Total
Cadernos de atividades	03	06	05	05	06	25
Número de páginas	69	350	161	180	184	944
Imagens (em geral)	87	359	113	101	155	815
Imagens selecionadas para análise	04	04	03	01	0	12

Fonte: a autora.
Elaboração: a autora.

Para a elaboração da tabela, foram consideradas todas as ilustrações, imagens e gravuras, mesmo quando não se tratava de imagens que retratassem a figura humana. Para a pesquisa, selecionamos doze imagens para análise, e neste recorte, devido ao limite de páginas, apresentamos três dessas imagens.

Figura 1 – Atividade de Ciências da Natureza (1º ano)



Fonte: Campo Grande (2020b, p. 22).

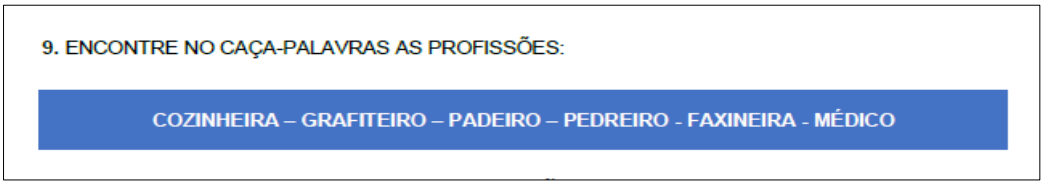
Na figura 1, é possível observar que, para o ensino sobre hábitos de higiene, colocou-se uma menina para representar os afazeres domésticos (manter a casa limpa) e os cuidados com a aparência (escovar os cabelos e usar roupas limpas), além de serem retratadas com vestidos ou saias, que não dão liberdade para que elas brinquem e se movimentem à vontade.

Figura 2 – Atividade de Língua Portuguesa (4º ano)



Fonte: Campo Grande (2020c, p. 6).

Figura 3 – Atividade de História (2º ano)



Fonte: Campo Grande (2021, p. 31).

As atividades elaboradas para os cadernos utilizam, em sua maioria, o pronome masculino, porque historicamente presume-se que este pronome engloba ambos os gêneros, mas nas imagens selecionadas, há uma separação entre os gêneros.

A análise das figuras 2 e 3 aponta que existe uma dicotomia hierarquizante, colocando masculino e feminino como opostos, um lado positivo e outro negativo

(bruxinha / anjinho), ou os estereótipos de gênero (bailarina / astronauta; ciclista / estudante; carteiro / cozinheira; faxineira / cantor). A única imagem em que isso não é tão evidente é no par "índia – índio", mas que, por outro lado, reforça o estereótipo em relação aos povos tradicionais.

Nas figuras 2 e 3 também se retrata as profissões femininas sempre em relação aos cuidados domésticos (faxineira, cozinheira) ou a atividades que requerem mais delicadeza, passividade, menos movimento do corpo ou força física, enquanto as imagens dos meninos remetem a aventuras (astronauta), movimento (ciclista), diversão (cantor), força física (padeiro, carteiro) ou profissões mais valorizadas (médico).

Conforme Jane Felipe:

> [...] a construção da feminilidade que se pretende hegemônica recai, em geral, na ideia de que o mundo das mulheres e meninas deve se resumir as práticas domésticas, de cuidado com a prole (e aqui temos a maternidade como destino "natural" da mulher) e de embelezamento – no caso mais específico da nossa cultura, esse aspecto está centralmente associado à erotização dos corpos [...]. (FELIPE, 2012, p. 224).

Sendo assim, constata-se que as orientações feitas em relação às questões de gênero no Referencial Curricular da Reme de Campo Grande, MS não são cumpridas pelos/as próprios/as técnicos/as e professores/as da Semed, considerando que a figura feminina ainda é retratada de forma estereotipada, cuidando da aparência e sempre colocada em profissões subalternas.

Considerações Finais

O silêncio acerca das diferenças dentro da escola abre espaço para que as desigualdades se perpetuem, já que a escola reflete tudo aquilo que acontece na sociedade. Ao contrário do que se pensa, o currículo não é um elemento neutro na educação, pois perpassa pelas relações de poder e pelas questões políticas. Assim como, gênero não é meramente biológico, já que está relacionado com a constituição histórica, social e cultural.

As desigualdades de gênero ainda são gigantescas e há muito que se fazer para modificar esta realidade. A escola tem um papel fundamental nesta discussão, e por isso, se faz necessário repensar questões que são desconsideradas, como a escolha de imagens e conteúdos, uma vez que mesmo indiretamente, estamos contribuindo para a formação de opiniões e valores de crianças e adolescentes.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília/DF: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 07 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricula**r. Brasília/DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 set. 2021.

CAMPO GRANDE, Secretaria Municipal de Educação. **Referencial Curricular REME**: ciências humanas. Campo Grande/MS: SEMED, 2020a.

CAMPO GRANDE, Secretaria Municipal de Educação. **Atividades Curriculares Domiciliares**: Caderno III, Ensino Fundamental, 1º ano. Campo Grande/MS: SEMED, 2020b.

CAMPO GRANDE, Secretaria Municipal de Educação. **Atividades Curriculares Domiciliares**: Caderno I, Ensino Fundamental, 2º ano. Campo Grande/MS: SEMED, 2021.

CAMPO GRANDE, Secretaria Municipal de Educação. **Atividades Curriculares Domiciliares**: Caderno III, Ensino Fundamental, 4º ano. Campo Grande/MS: SEMED, 2020c.

FELIPE, Jane. Relações de gênero: construindo feminilidades e masculinidades na cultura. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias.** Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2012. p. 217-226.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: reflexões necessárias para pensar a educação da infância. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2012. p. 103-115.